



XVI Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã / Mídia Cidadã

Tema central:

**Comunicação e as lutas por cidadania na disputa de hegemonias
19 a 21 de outubro de 2022**

Iniciativa e Realização

Associação Brasileira de Pesquisadores e Comunicadores em Comunicação Popular,
Comunitária e Cidadã - **ABPCom**
Universidade Estadual de Londrina – **UEL**
Programa de Pós-Graduação em Comunicação – **PPGCom UEL**

**A experiência literária como mediadora na leitura de mundo. Diálogos entre John Dewey,
Paulo Freire e Conceição Evaristo¹**

Thaís Amélia de Oliveira Gomes²;
Universidade Federal de Minas Gerais

Resumo: O presente artigo tem como objetivo refletir sobre a escrevivência de Conceição Evaristo a partir do conto “Maria”, que integra o livro Olhos d'Água, a luz dos conceitos sobre experiência e pronúncia do mundo de John Dewey e Paulo Freire, perpassando pelas problematizações de representação apontadas por Hall e Hooks.

Palavras-chave: Escrevivência; experiência; educação transformadora; situação-limite.

¹ Trabalho apresentado no GT2 (**Culturas populares, identidades e cidadania - CBCC**) da XVI Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã 2022, de 19 a 21 de outubro de 2022 – realizada pela ABPCOM – Associação Brasileira de Pesquisadores e Comunicadores em Comunicação Popular, Comunitária e Cidadã, Universidade Estadual de Londrina (UEL) e Programa de Pós-Graduação em Comunicação – PPGCOM-UEL.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da UFMG
email: contatoameliagomes@gmail.com

Introdução

Em diversas oportunidades, como entrevistas e mesas, Conceição Evaristo explica que sua “escrevivência” não nasceu com o objetivo de se concretizar enquanto um conceito. No entanto, a potência e profundidade do estilo literário provoca inquietudes em que lê suas narrativas. E, de fato, este é um dos objetivos pelos quais a autora coloca linhas no mundo: “A nossa escrevivência não pode ser lida como história de ninar os da casa-grande, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos.” (EVARISTO, 2007). Mas a escrita de Evaristo atravessa não só os opressores, mas também os oprimidos. Isto porque suas produções ao mesmo tempo em que contém algo de biográfico também dizem sobre uma coletividade. Um “movimento de encontros, reencontros e superações”, de “responsabilidade com aquele a quem se representa e com aquele para quem se escreve”. (CRISPIM, 2013).

A escritora afirma que desde a sua infância na periferia de Belo Horizonte, sempre esteve cercada não por livros, mas por palavras, por prosa/poesia narradas por suas matriarcas. A oralidade é marca importante na história da população afrodescendente no Brasil, na perpetuação de tradições, saberes, vivências e histórias, sobretudo somado ao analfabetismo imposto às parcelas mais empobrecidas da população. Nesse leito, Conceição aprendeu a colher fragmentos, a ouvir não só as histórias que lhe contavam, mas também as que as mais velhas segredavam enquanto as crianças dormiam, as histórias que vivia e via nos becos da favela onde morava: “Escrevo. Deponho. Um depoimento em que as imagens se confundem, um eu-agora a puxar um eu-menina pelas ruas de Belo Horizonte. E como a escrita e o viver se con(fundem), sigo eu nessa escrevivência”. (EVARISTO, 2009)

Talvez por esta forte relação com a oralidade e todos os atravessamentos sociais que marcam sua formação, Conceição tenha desenvolvido uma capacidade ímpar de condensar de uma maneira leve, objetiva e tocante temas dos mais diversos. Em *Maria*, por exemplo, conto no qual pretendemos nos debruçar neste artigo, a autora em apenas quatro páginas trata de assuntos como a violência de gênero, o racismo e a solidão da mulher negra.

A importância de suas produções para debater a atualidade já foi reconhecida em diversos prêmios, entre eles o Jabuti de literatura em 2015. No entanto, nos espaços institucionais sua presença ainda é questionada. Em uma entrevista em 2020 ao jornal *Brasil de Fato*, a autora relatou ser ignorada por alguns pares de profissão em congressos, encontros e outros eventos da área. Em 2018 ela se candidatou a uma vaga na Academia Brasileira de Letras, mas teve sua presença rejeitada pelos membros da honraria, que recentemente elegeram a atriz Fernanda Montenegro ao posto. À época, a escolha foi alvo de polêmicas que questionavam não a legitimidade da atriz para ocupar o

cargo, mas a disparidade no tratamento dado às duas candidatas. Evaristo recebeu apenas um voto e sua rejeição foi justificada pelo fato da autora não ter feito “campanha” entre os membros da Academia, já Fernanda foi eleita com unanimidade em declarações que afirmavam que a atriz dispensava qualquer campanha. Recorrentemente a autora é questionada se com o desfecho, se arrepende de ter se candidatado, Evaristo responde que o ato foi necessário e denuncia o elitismo presente na instituição.

Muitas vezes temos de ser capazes de afirmar que o trabalho que fazemos é valioso mesmo que não seja julgado assim dentro de estruturas socialmente legitimadas (...) devemos com frequência tomar a iniciativa de chamar a atenção para o nosso trabalho de um modo que reforce e fortaleça um senso de público. (HOOKS, 1995, p.11)

Olhos d'água rendeu a Evaristo a premiação em um dos mais tradicionais prêmios de literatura e “Maria” integra esta obra. Não só este, mas todos os demais 14 contos são igualmente intensos e questionadores. No entanto, o surpreendente e violento desfecho de Maria, me arrebatou como um duro e inesperado golpe. Além das reflexões provocadas com a narrativa, também fui tomada por uma incessante náusea e uma súbita dor no estômago, vivenciadas por horas após a sua leitura. Poderia então este episódio ser considerado como uma experiência estética? Quais reflexões, provocações e elementos culminaram para a catarse provocada por esta leitura? John Dewey elenca características que corroboram com esta hipótese:

(...) a criação deve incluir relações comparáveis às vivenciadas pelo produtor original. Elas não são idênticas, em um sentido literal. Mas tanto naquele que percebe quanto no artista deve haver uma ordenação dos elementos do conjunto que, em sua forma, embora não nos detalhes, seja idêntica ao processo de organização conscientemente vivenciado pelo criador da obra. (DEWEY, 2010, p.137)

Outro elemento que reforça essa possibilidade de apreensão da leitura como uma experiência estética é a demanda por atenção que ela exige de seu espectador. Um leitor, mesmo que não esteja estático em um espaço físico, por exemplo quando lendo um livro durante um deslocamento, canaliza toda sua atenção para a leitura, se predispõe aquele gesto de troca. O que necessariamente não acontece por exemplo com outros instrumentos, como rádio, tv e até mesmo a internet. E esse gesto de predisposição à contemplação também é para Dewey elemento crucial de uma experiência estética.

Vivenciada enquanto experiência estética, a literatura também tem a possibilidade de ser entendida enquanto uma heterotopia, um deslocamento no espaço tempo que pode ser atingido tanto no ato objetivo de leitura, quanto em um momento posterior, num gesto reflexivo e rememorativo.

A “Maria” de Conceição de Evaristo e as muitas “Marias” pelo Brasil

A história de Maria se passa em um ônibus, quando a empregada doméstica retorna para a casa após um dia de trabalho. No trajeto ela tem um reencontro inesperado com o pai de um dos seus filhos, que após trocar algumas palavras com ela, executa um assalto aos passageiros. Na sequência, Maria é linchada até a morte pelos usuários do transporte que a acusam de estar em conluio com os assaltantes. O ato é o ápice do conto e carrega em si uma série de provocações sobre o poder da representação em nossa sociedade e suas consequências.

A narrativa poderia figurar páginas ou cenas de um jornal policialesco e ser banalizada, como ocorre cotidianamente, com tantas outras semelhantes. No entanto, como é construída por uma mulher negra que tem como objetivo, não engrossar o discurso em vigor, de apatia e sobretudo repulsa pelo outro, mas pelo contrário denunciar como essa ideologia dominante violenta e oprime, operando pela exacerbação das diferenças raciais, sexuais e/ou econômicas. Por isso, o conto de Evaristo toca profundamente aquelas que de alguma maneira se identificam com a personagem, como demarca o feminismo conceituado por Lélia Gonzalez. “Não posso falar na primeira pessoa do singular de algo dolorosamente comum a milhões de mulheres que vivem na região; refiro-me às ameríndias e amefricanas, subordinadas a uma latinidade que legitima sua inferioridade.” (GONZALEZ, 2020, P.127)

Apesar de narrada no singular, a ficção diz de uma vida no plural. Em Maria reconheci minha avó, também Maria, também mãe solo de três filhos, lavadeira, costureira, doméstica, ocupante de todas as profissões possíveis a uma mulher pobre e analfabeta. Em Maria vi também minha mãe, que em mesmas condições sociais que minha avó, desde seus onze anos ilustra cristais e cuida das crianças das outras mulheres. E ao conhecer a trajetória de Evaristo, em Maria também a vi. Mas além desta identidade coletiva, o conto também elege estereótipos fixados às pessoas negras, de uma maneira a problematizá-los.

A consolidada estratificação social enfrentada em países subdesenvolvidos como o Brasil, relega às populações mais vulneráveis à periferia, à margem do acesso à educação, ao trabalho e à moradia digna. Nessa fronteira social, para sobreviver, às vezes a violência é a única maneira de garantir a subsistência. Contudo, tais condições sócio-históricas também são frutos do racismo estrutural de nossa sociedade. Nessa retroalimentação, os estereótipos sobre a população negra são mantidos e ascendem proporcionalmente ao agravamento das condições socioeconômicas de toda população. Como pontua Hall, a estereotipagem reduz os sujeitos, naturalizando e fixando diferenças através da exclusão. “Ela [esteriotipagem] estabelece uma fronteira simbólica entre o “normal” e o “pervertido”, o “normal” e o “patológico”, o “aceitável” e o “inaceitável”, o “pertencente” e o

“não pertencente”. (HALL, 2016.p.192). Dicotomia ilustrada por Conceição no desfecho do enredo de Maria:

“*Lincha! Lincha! Lincha!*” Maria punha sangue pela boca, pelo nariz e pelos ouvidos. A sacola havia arrebentado e as frutas rolavam pelo chão. Será que os meninos iriam gostar de melão?

Tudo foi tão rápido. Tão breve, Maria tinha saudades de seu ex-homem. Por que estavam fazendo isto com ela? O homem havia segredado um abraço, um beijo, um carinho no filho. Ela precisava chegar em casa para transmitir o recado. Estavam todos armados com facas a laser, que cortam até a vida. Quando o ônibus esvaziou, quando chegou a polícia, o corpo da mulher estava todo dilacerado, todo pisoteado.

Maria queria tanto dizer ao filho que o pai havia mandado um abraço, um beijo, um carinho.” (EVARISTO, 2016, p. 42)

Além dos condicionamentos raciais, o conto também retrata outra opressão arraigada em nossa sociedade, o patriarcado. Neste aspecto, a estereotipização atua no processo de “coisificação” das mulheres. Não à toa, Evaristo elege o transporte público como cenário para a trama, uma vez que este - assim como os demais espaços públicos - é palco recorrente de violências contra as mulheres, como apontam teóricas feministas e ativistas da causa, que denunciam a percepção patológica da sociedade de que a mulher em um espaço público é um “objeto” público. Patologia que banaliza e até mesmo legitima, as mais diversas formas de violência praticadas nestes ambientes, desde os olhares e assovios até os assédios físicos.

Na figura de Maria, nesta condição de dupla afetação, o conto ilustra como as opressões interseccionalizadas, operam conjuntamente para colocar a mulher negra como sujeita de “lugar nenhum”, no espúrio social, sem valor e vulnerável a todas as violências, aquela que deve ser controlada e contida, como pontua Hooks.

No entanto, da forma como constrói a narrativa, Conceição Evaristo incita a elucubração ao expor essa mazela em carne viva, refletindo sua concepção sobre o fazer literário das mulheres negras como um movimento contra-hegemônico e descolonizador:

Sendo as mulheres invisibilizadas, não só pelas páginas da história oficial, mas também pela literatura, e quando se tornam objetos da segunda, na maioria das vezes, surgem ficcionalizadas a partir de estereótipos vários, para as escritoras negras cabem vários cuidados. Assenhorando-se “da pena”, objeto representativo do poder falo-cêntrico branco, as escritoras negras buscam inscrever no corpus literário brasileiro imagens de uma auto-representação. Surge a fala de um corpo que não é apenas descrito mas antes de tudo vivido. A escre(vivência) das mulheres negras explicita as aventuras e as desventuras de quem conhece uma dupla condição, que a sociedade teima em querer inferiorizada, mulher e negra. (EVARISTO, 2005, p. 205, grifo da autora).

Ao passo que para a sociedade racista, o negro é sempre aquele a ser temido, Bell Hooks desvela o caminho inverso:

“(…) a representação da branquitude que não é formada como reação a estereótipos, mas que surge como uma resposta à dor traumática e à angústia que permanecem como consequência da dominação branca racistas, um estado físico que influencia e molda como as pessoas negras "vêm" a branquitude.” (2019, p.298).

Medo também retratado por Evaristo em sua escrevivência. Não apenas no linchamento, mas antes mesmo do crime, Maria rememora seu dia e de forma subjetiva relata as violências enfrentadas pelas empregadas domésticas.

A construção sutil de Evaristo, sobre o corte na mão de Maria, nos leva a refletir sobre a naturalização e legitimação das violências praticadas contra essas trabalhadoras, como por exemplo, o assédio moral e sexual. Práticas permeadas por resquícios escravagistas que ainda hoje se perpetuam em postos de trabalho majoritariamente ocupados pela população negra. Situações que ilustram o temor histórico demarcado por Hooks. “É útil, ao teorizar a experiência negra, examinar a forma como o conceito de “terror” está relacionado a representações de branquitude.” (HOOKS, 2019, p.306). Em Maria e outras tramas narradas em suas escrevivências, Conceição Evaristo vai de encontro à reflexão da filósofa: “Ao analisar criticamente a associação da branquitude como terror na imaginação negra, desconstruindo-a, nomeamos o impacto do racismo e ajudamos a romper com o seu domínio. Descolonizamos nossas mentes e nossas imaginações.” (HOOKS, 2019, p.311)

A escrevivência como uma mediação para a pronúncia do mundo

Em sua proposta pedagógica dialógica, Paulo Freire destaca a importância do que ele denomina como temas-geradores como ponto de partida para a reflexão sobre a realidade social. Tais temas, como pontua o autor, geralmente estão encobertos por situações-limite, ou seja, questões da vida concreta que incitam nos sujeitos uma reflexão crítica sobre os condicionamentos e opressões por eles enfrentados. Ao mesmo tempo, o pedagogo ressalta também a importância da subjetividade nesse processo de desvelamento do mundo.

Em Pedagogia do Oprimido, Freire elenca as mais diversas formas de suscitar essas reflexões, seja através de rodas de conversa, entrevistas, leituras de materiais diversos, etc. Mas, mais importante do que o formato é a vinculação do tema-gerador com a realidade daquele com quem se dialoga. “Os homens são porque estão em situação e serão tanto mais quanto não só pensem criticamente sobre sua forma de estar, mas criticamente atuem sobre a situação em que estão.” (FREIRE, 2021, p.141).

Dewey ressalta que uma experiência singular vivenciada através de produções artísticas pressupõe que “O artista, ao trabalhar, incorpora em si a atitude do espectador.” (2010, p.128). Desta forma, entendemos que nesta troca entre escritor e leitor, sobretudo no que diz respeito à proposta da escrevivência, ambos se entendem em pé de igualdade, ou seja, não se anulam, não se sobrepõem, estão abertos à troca, um dos princípios fundantes do diálogo para Paulo Freire.

A forma literária construída por Evaristo, como supramencionado pela autora, surge em certa medida, como uma resposta ao silenciamento imposto a esta parcela da população, e se propõe como algo transformador da realidade ao dar voz às mulheres negras não só como protagonistas nas narrativas, mas como produtoras do seu próprio discurso, construtoras de suas próprias histórias, em um gesto emancipador. “Foi daí, talvez, que eu descobri a função, a urgência, a dor, a necessidade e a esperança da escrita. É preciso comprometer a vida com a escrita ou é o inverso? Comprometer a escrita com a vida?” (2007, p.17).

Por outro lado, refletindo sobre a potencialidade da experiência singular através da literatura como um desvelar do mundo, quando comprometida com a transformação, a literatura provoca reflexões críticas acerca da realidade. Assim como também podemos pensá-la como uma facilitadora, nos casos em que Freire elenca como seres humanos completamente imersos em seus condicionamentos. Para estes, o pensador propõe uma metodologia de reflexão a partir da cisão da sua realidade, para então uma compreensão da totalidade, um processo dialógico entre subjetividade e realidade, como define “Isto não significa a redução do concreto ao abstrato, mas tê-los como opostos que se dialetizam no ato de pensar” (2021, p. 134).

Mesmo naqueles com alguma consciência de suas opressões, a subjetividade da literatura e da experiência estética, tem o potencial de despertar novos graus de consciência. Vindo de uma família de duas gerações de pessoas pardas, não retintas, desde a infância sempre tive ciência do meu lugar de não-branca. No entanto, acredito que por todas as afetações e impactos impostos pelo colorismo, a questão racial não ocupava o centro de minhas reflexões sobre minha própria condição, essas sempre muito mais permeadas pelos debates acerca das questões sócio-econômicas e sexistas.

Uma vez estabelecido, o mito da superioridade branca prova sua eficácia pelos efeitos da violenta desintegração e fragmentação da identidade étnica produzida por ele; o desejo de se tornar branco (“limpar o sangue”, como se diz no Brasil) é internalizado com a consequente negação da própria raça, da própria cultura. (GONZALEZ, 2020, p.130)

O tema somente me atravessou de fato após as identificações e inquietações provocadas não só por Maria, mas por diversos outros escritos de Evaristo.

Considerações Finais

A partir de uma experiência individual com a leitura do conto “Maria” de Conceição Evaristo, tentamos elucidar as potencialidades da experiência estética, conceituada por John Dewey como uma ferramenta para o desvelamento do mundo. Cabe ressaltar que as características da chamada “escrevivência” são condições importantes para esta compreensão, uma vez que as narrativas versam sobre questões cotidianas da vida das mulheres negras brasileiras, o que possibilita maior identificação com as leitoras, e também por isso carregam em seu cerne questões sociais de nossa realidade.

Podemos observar isso no cuidado com que Evaristo elenca os elementos que constroem suas narrativas, como no caso de “Maria”, o cenário, os xingamentos proferidos contra a protagonista, as memórias, pensamentos e devaneios da personagem que ilustram por exemplo, a solidão vivenciada pelas mulheres negras.

“Ela teve mais dois filhos, mas não tinha ninguém também. Ficava, apenas de vez em quando com um ou outro homem. Era tão difícil ficar sozinha! E dessas deitadas repentinas, loucas, surgiram os dois filhos menores. E veja só, homens também! Homens também? Eles haveriam de ter outra vida.” (EVARISTO, p.40)

E nesse jogo de entrelinhas, a autora coloca em cheque as estereotipagens dirigidas à população negra, ao mesmo tempo que desnuda o terror ao branco, apontado por Bell Hooks em seus estudos sobre representações. “*“Aquele puta, aquela negra safada estava com os ladrões!”* O dono da voz levantou e se encaminhou em direção à Maria. A mulher teve medo e raiva.” (EVARISTO, 2016, p.42)

Além disso, podemos também entender a própria escrita de Conceição como um ato inédito viável, tendo em conta que ela nasce com o objetivo de transformar a realidade. Seja concretamente, reconfigurando o arcabouço referencial da literatura brasileira, seja subjetivamente, contribuindo para o desvelamento e outras pronúncias de mundo. A escrevivência nasce de uma ação reflexiva de Evaristo sobre sua realidade com o intuito de alterar o mundo, ou como define Freire com o intuito de contribuir para um processo de superação e emancipação social. Análise que vai de encontro também com o que Hooks determina como uma das possibilidades para suprir as contradições e inquietações vivenciadas por intelectuais negras, colocando suas produções a serviço da comunidade, sobretudo atuando contra sua alienação.

Referência Bibliográfica

- DEWEY, J. Ter uma experiência. In: _____. Arte como experiência. São Paulo: Martins Fontes, 2010.p. 109-141.
- EVARISTO, Conceição. Olhos d'água. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.
- EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita.In: ALEXANDRE, Marcos Antônio. Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces / Marcos Antônio Alexandre (org.). Belo Horizonte : Mazza Edições, 2007, p. 16-21.
- FREIRE, Paulo. A dialogicidade: essência da educação como prática da liberdade. In:_____. Pedagogia do oprimido. 62. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011. p. 107-166.
- GONZALEZ, L. “Por um feminismo afro-latino-americano.” In: RIOS, Flávia e LIMA, Márcia. al. Lélia Gonzalez. Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios,intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- HALL, S. O espetáculo do “Outro”. In: HALL, S. Cultura e Representação. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016. p. 139-231.
- HOOKS, Bell. Representações da branquitude na imaginação negra.In: HOOKS,B. Olhares Negros: raça e representação.São Paulo: Ed. Elefante, 2019.p.290- 311.